

Gilberto Freyre entre duas Américas Latinas: a lusitana e a hispana. Análise da transformação da interpretação do Autor com relação a influência espanhola e portuguesa em América

YAGO QUIÑONES TRIANA (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

Resumo

O presente artigo analisa uma relevante mudança de enfoque no pensamento de Gilberto Freyre sobre a América Latina, especificamente, o abandono da sua proposta de exaltar a particularidade do aporte português e passar a considerar a homogeneidade dos povos nascidos da colonização ibérica. Explora-se como a reflexão sobre as particularidades da América Latina se dão no contexto de interesses políticos e econômicos e o ambiente acadêmico, por meio de processos de comparação e como o Freyre consegue destacar-se destas grandes influências e propor uma interpretação que responde mais à seu próprio percurso biográfico.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, América latina e Brasil, América hispana, ibero-américa, Espanha e Portugal

1. Introdução

O presente texto é uma proposta de análise particular sobre a obra de Gilberto Freyre. O objetivo é traçar sumariamente a guia de um percurso na obra do Freyre procurando identificar as fases de uma clara transformação no seu pensamento que tem sido até agora pouco estudada. Não tendo como aceder à fonte primária de informação, que é o próprio Autor, a sua obra publicada será o material principal a ser pesquisado tendo como referência uma simples constatação: Freyre passa de defender a singularidade única do português e sua forma de colonização na América a propor, anos depois, a ideia de uma raiz hispana única nos povos surgidos das colônias ibéricas no continente. Isto é, ele passa de tentar compreender as particularidades do Brasil efetuando uma comparação exclusiva com a cultura portuguesa a ampliar este termo até incluir também aquela espanhola, enfatizando então semelhanças entre estas duas últimas. Aliás, este empenho específico dentro da sua obra é passível de ser interpretado como uma

série de atos de comparação, neles a definição do que se é como país e cultura depende amplamente dos termos com os quais se traçam paralelos. Desta forma, é possível entrever o conjunto de interesses atuantes na época e que intervinham na formação dos conceitos para interpretar o subcontinente e o Brasil nele. Neste quadro, o Freyre parece flertar com os vários atores em jogo, mas acaba por seguir um percurso mais pessoal. Deste fato surgem vários interrogantes sobre os quais podemos lançar algumas hipóteses na base da leitura da sua obra. O que acontece ao longo da sua carreira que justifique tal mudança? A transformação em relação a sua posição sobre as semelhanças dos povos ibéricos é uma revisão do seu próprio trabalho? Isto é, ele estaria “errado” nas suas observações dos anos juvenis? Haveria talvez uma transformação no contexto das relações de poder regionais que influenciaram seu pensamento? E, o que é mais interessante e difícil de corroborar, o que provocou tal mudança? São perguntas que talvez não encontrarão resposta definitiva aqui, mas que permitem propor uma revisão da sua obra

com um enfoque particular e, especialmente, abordando o seu pensamento ao longo do tempo e considerando o conjunto amplo da sua produção, sem ficar necessariamente circunscritos ao título *Casa Grande & Senzala*, ou à “trilogia”,^[1] como muitas vezes acontece com as críticas e análises sobre a obra deste autor.

2. América Latina e Casa Grande & Senzala

Nascido com a clara intenção de marcar uma distinção entre duas “américas” - uma, no norte, anglo-saxã e uma, ao sul, latina - o termo América Latina surge de uma visão eurocêntrica do mundo segundo a qual neste continente, como na Europa, haveria uma diferenciação entre culturas católicas e protestantes, mediterrâneas e continentais, desenvolvidas e subdesenvolvidas; isto é, uma distinção de fundo, de caráter estrutural que divide em dois um território continental que geograficamente é considerado como uma unidade. América Latina, termo considerado de origem francês, ainda que com vários “países” reconhecidos (Bethell, O Brasil), surge para indicar uma determinada identidade cultural relacionada com um território, mas denuncia seu caráter funcional aos interesses da potência europeia na América no século XIX (Bethell, “Brasil y América Latina”). De fato, o termo desafia qualquer taxonomia intuitiva do continente americano, já que inclui territórios ao sul do Rio Bravo que linguisticamente não seriam latinos, especialmente no Caribe, e exclui outros no Norte, pensemos no Canadá francófono, que “tecnicamente” teriam que entrar no subcontinente “latino”. Na realidade, a distinção pretendia justificar a expansão francesa no México, forçando uma posição supostamente civilizatória importada da Europa (Bethell, “Brasil y América Latina”).

Porém, especialmente nos países hispano falantes, a categorização consolidou-se ao longo do tempo (incluindo o Brasil recentemente e por vezes de forma parcial), como parte de uma entidade territorial e cultural que, estritamente falando, teria que responder ao nominativo de Ibero-américa. Basicamente trata-se de uma unidade conceitual politicamente construída em

oposição ao Norte desenvolvido e que parece mais protagonista no âmbito do Ocidente que do Novo Mundo como um todo. Com algumas diferenças, especialmente no período da Independência e no processo de construção do ideário nacional a partir da relação com a mãe pátria, em geral na América Latina é possível identificar uma certa unidade, não homogênea e por vezes fratricida, mas uma só. Isto sobre a base de uma determinada empatia nos países da América Latina em quanto ao processo de Conquista e Colonização, especialmente em contraposição à América do Norte, onde as características dos europeus que lá chegaram, em termos de religião, língua e cultura, teriam produzido sociedades essencialmente diferentes àquelas do Sul.

Contudo, esta conclusão, que parece hoje relativamente aceitável, nasce da interação de uma série de enfoques ligados com interesses políticos e econômicos. Inicialmente o Brasil foi excluído do conjunto dos países americanos e latinos pelos próprios realizadores e teóricos da Independência das antigas colônias espanholas (Bethell, “Brazil and ‘Latin America’”) e posteriormente, no início do século seguinte, o próprio Brasil parecia olhar mais para o Atlântico, ou, incluso, aderir a um pan-americanismo liderado pelos Estados Unidos do que se filiar ao resto dos países que hoje consideramos como latinos (Bethell, “O Brasil”). Freyre vai na contramão dos intelectuais brasileiros e se coloca do lado de José Martí e Rodó para denunciar o pan-americanismo como uma forma de expansão cultural e econômica dos Estados Unidos. O arielismo, inspirado na figura de Ariel de José Enrique Rodó, era um movimento que confrontava o europeísmo com o americanismo, à procura de um modelo autóctone que rejeitasse aquele europeu e norte-americano. Como parte do arielismo, pode-se entender a exaltação do latino (luso e hispano) a partir da distinção com o anglo-saxão (Zang). Especificamente, Freyre propõe um interamericanismo que leve em conta as semelhanças, mas também as especificidades das ilhas sociológicas que compõem as Américas (Valente). Trata-se de um projeto explícito de negação ou contraposição dos modelos outros, vistos como impostos externamente. Porém,

nos anos 1960's ele se dissocia também dos intelectuais que procuravam a excepcionalidade do caso brasileiro, as raízes do Brasil (Valente).

Em todas estas variações de interpretação temos a intervenção de um projeto político que pretende construir formas e valores de identificação a partir da comparação. Isto é, trata-se de um ato de comparação que serve para definir os termos em que se constrói a própria imagem: somos (ou queremos ser) mais parecidos com a França, com o Portugal, com os Estados Unidos ou com a Inglaterra? Assim, na definição de quem é o outro com que convivemos e as semelhanças reais ou idealizadas que estabelecemos, é possível gerar um projeto a futuro com consequências de vários tipos. Por exemplo, a pretendida comparação do imperialismo francês com as raízes neolatinas das Américas permitia justificar pretensões expansionistas; os precursores das repúblicas americanas preferiam se comparar com as democracias liberais para se distinguir do Brasil imperial; este, por sua vez, colocava como ponto de comparação o outro gigante americano ou inclusive a França antes que as instáveis "irmãs" americanas. Neste sentido, no empenho de se posicionar no contexto regional, ou inclusive global, entravam em jogo formas de comparação que não estavam livres dos condicionamentos dos planos políticos e econômicos dos países e das prioridades do clima intelectual dos acadêmicos.

Ainda assim, por sua parte, na obra de Gilberto Freyre é fácil a identificação dum projeto teórico presente nas suas primeiras obras e que mira a demarcar uma diferenciação clara e significativa dentro dos componentes latinos do Continente: isto é, a raiz portuguesa sendo muito diferente da espanhola. Projeto que, aproximadamente no final da década dos anos 1950's, parece abandonado em função do interesse pela América Hispana, que não é claramente a espanhola, mas aquela relativa a Hispânia, toponímia clássica para a península ibérica. Por que há uma mudança neste sentido? Trata-se de uma mudança teórica ou é uma questão terminológica? E, mais ainda, quais as visões predominantes sobre o tema naquele momento e a que lógicas elas respondiam? Isto é, qual a relação do pensamento do Freyre com os

interesses e as forças de poder em jogo.

Na obra fundadora do que se conhece geralmente como a "trilogia", *Casa Grande & Senzala* de 1933, há um intento claro por delimitar certas particularidades de ordem histórico, cultural e econômico do português que o distinguiriam dos outros europeus colonizadores, e que acabariam por se expressar em algumas inclinações e afinidades constatadas no processo de instauração da colônia de ultramar portuguesa em América. Já que *Casa Grande* segue um roteiro metodológico próprio e particular, nem sempre é fácil entrever de forma imediata os objetivos e o alcance das intuições e aportes que esta obra traz. Filtrado fortemente por uma densa matriz biográfica e atravessado por um substrato bibliográfico de alta erudição, não é tarefa simples estabelecer um *avant-propos* explícito deste estudo, e mal faríamos nós hoje, em tentar adjudicar arbitrariamente ao Autor alguns objetivos que ele mesmo não explicitou, mais ainda conhecendo o "histórico" de críticas por ele recebidas, muitas delas infundadas e contraditórias – desde pornográfico até reacionário – surgidas especialmente a partir desta obra. Porém, nesta publicação parece plausível identificar uma intenção de revisão histórica da figura do português conquistador de forma coerente com o tom geral presente no texto que, junto com outros aportes importantes, se centra na desmitificação do caráter "danado" do Brasil por causa dos seus componentes culturais essenciais. Este seu primeiro livro se apresenta, especialmente para a época, como uma peça iconoclasta em relação a uma imagem difundida de desprezo aos elementos fundantes da nação brasileira, vistos como responsáveis pelo atraso crônico a partir de uma leitura progressista que pretendia identificar no DNA social do país os empecilhos ao desenvolvimento.

Neste sentido, vemos como sua obra vai se colocar em grande parte na contramão do pensamento político oficial predominante no país e que pretendia posicionar o Brasil como potência regional, se comparando com os Estados Unidos em termos de dimensões, recursos naturais e potencial econômico (Bethell, "O Brasil"). Muito longe então do resto dos países da América Espanhola, mas também

da antiga metrópole, considerada como símbolo de atraso por causa da mentalidade arcaica e supersticiosa. Nesses anos, a política exterior brasileira demonstra em diversas ocasiões a afinidade com a potência do Norte e sua adesão a ideia de posicionar o país em interação com os grandes do outro lado do Atlântico (Bethell, “O Brasil”). O que respondia a uma lógica política conjuntural que definia os interlocutores do país com relação a afinidades mais almejadas que concretas, como a proximidade cultural de velha data com a França ou a parceria comercial, claramente desigual, com o império Britânico. Onde as componentes que fossem consideradas arcaicas ou atrasadas eram relegadas num segundo plano pelo projeto de modernização ideológico dos governos. Pelo contrário, Freyre dedicou-se a reabilitar o trópico, a dissolver a visão pessimista enquanto ao trópico, se opondo às correntes modernistas, naturalista e românticas (na literatura) que enfatizavam a versão cientificista do caráter agressivo do entorno tropical, e colocando o culturalismo, a partir de Boas, e a ecologia no centro do debate (Warley Candeas).

Entre os elementos “não ótimos” que o Freyre resgata, estava, é claro, a componente portuguesa, que na década de trinta do século XX era há muitos anos já uma referência da Europa atrasada e parecia poder confirmar a suspeita modernista de o Brasil ter sido “conquistado pelo país errado” entre as opções disponíveis. O Freyre, pelo contrário, leva em frente um projeto diametralmente oposto, contrário até ao projeto oficial de modernizar o país seguindo os grandes exemplos de sucesso civilizatório tidos como pontos altos de comparação e modelos a imitar. O empenho do Freyre é aquele de combater a “lenda negra”, como ele mesmo a chama (Freyre, “Uma visão”), que estigmatiza a obra de colonização europeia nos trópicos. A partir de uma densa revisão bibliográfica “impura”, que envolve as mais diversas fontes, tenta focar de uma maneira diferente os condicionamentos físicos e culturais do processo colonizador, não negando-os e nem fazendo uma apologia, mas enfatizando o seu caráter particular e único na história das américas e que teriam desencadeado um processo virtuoso; quase como uma feliz conjunção de fatores

concomitantes que teriam dado num resultado surpreendente e eficaz, diferentemente da versão oficial que predominava na época em que foi publicado o livro. A tese de fundo que devia justificar uma proposta assim era o caráter particular do português, aqueles rasgos que fariam com que precisamente no Brasil ele encontrasse o terreno físico e social ideal para desenvolver as suas inclinações civilizatórias, a diferença de ingleses, franceses e, claro, espanhóis. Assim, um dos objetivos de fundo de *Casa Grande* era valorizar a componente particular europeia do processo histórico que deu origem ao Brasil. Era demonstrar que foram determinadas características singulares do português as que permitiram que nascesse aqui uma sociedade que poderia perfeitamente ter fracassado, como de fato aconteceu com outras empresas do Velho Continente na América tropical. Para Freyre, o português da época possuía o caráter ideal para instaurar uma colônia nestas terras, um caráter único que não se verificaria em outro lugar da Europa. Porém, é claro que houve outras colônias europeias nos trópicos. Era tão diferente o conquistador português do espanhol? Para um leitor latino-americano, à luz da ideia de América Latina visto acima, talvez esta distinção não seja tão transparente, mas em *Casa Grande* parece ser fundante. Por que com os anos ela tende a perder a sua centralidade? Trata-se de uma revisão do Autor ou é simplesmente uma mudança de enfoque?

3. Particularidades do modelo português na América

O objetivo mais claro do Freyre, neste seu empenho por desmontar o “mito” do colonizador português, é demonstrar a adaptação particular deste europeu ao contexto tropical, especialmente ao Brasil. Uma aclimação do português não somente do ponto de vista físico, quase biológico, mas também do ponto de vista atitudinal, cultural, às condições tropicais onde outros povos europeus teriam falhado desastrosamente: “os portugueses triunfaram onde outros europeus falharam” (Freyre, *Casa Grande* 73). Esta tese é sustentada na ideia de o português não ser um europeu “puro”, por assim

dizer, e sim um povo que sempre conviveu, não somente com a miscigenação, mas com a África. Fato este que teria para ele duas consequências: a adaptação facilitada às condições tropicais e a naturalidade da promiscuidade com outras raças que seria, na Colônia, um fator decisivo num modelo econômico produtivo carente de mão de obra, como era o caso do Portugal, com uma população reduzida, “com escassez de capital-homem” (Freyre, *Casa Grande*). Dita condição não pura se relaciona com uma atitude que:

explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura. (Freyre, *Casa Grande* 66)

É fácil aqui reconhecer uma descrição, no estilo particularmente colorido do Autor, do povo português; o que resulta difícil é não ver uma ligação direta com o vizinho espanhol, que compartilhava o mesmo território, a Hispânia, e que anos mais tarde fornecerá ao Freyre a base para falar em uma componente hispânica ou ibérica em América, inclusive fazendo referência ao mesmo período histórico. É o caso do lúcido texto do 1963, aparecido originalmente em inglês, sobre a noção de tempo hispânico ou ibérico; neste trabalho, analisando as predisposições dos europeus da Península no momento da Conquista e, de forma coerente com seu constante projeto de estudar todo processo histórico sem esquecer fatores aparentemente triviais ou anedóticos, o Freyre concede aos dois povos uma unidade clara:

Na qualidade de colonizadores europeus em áreas não europeias, os hispanos agiram, desde seus primeiros contatos com povos não europeus – gente situada na África, na Ásia e na América –, com um sentido ou uma noção

de tempo diferente da que tinham a maioria dos europeus daquela época. (Freyre, “Em torno” 265)

Qual é a base desta unidade que aparece quase trinta anos depois? Trata-se da mesma Hispânia, a península que engloba não somente dois povos, mas muitos outros mais. A identidade do espanhol não esteve nunca, nem ainda hoje, amalgamada a partir do projeto monárquico de unificação sob o discurso do inimigo comum, e na península ibérica conviveram várias culturas, incluindo tudo o que se considera eventualmente como espanhol, junto com portugueses e muitas outras ricas componentes. Incluso é o próprio Freyre quem o reconhece: “uma persistente massa de dóricos morenos, cuja cor a África árabe e mesmo negra, alagando de gente sua largos trechos da Península, mais de uma vez veio avivar de pardo ou de preto” (Freyre, *Casa Grande* 67). Trata-se da “Península” e não somente do Portugal, aliás, é difícil não relacionar também com a Espanha a “bicontinentalidade” proposta por Gilberto Freyre para o povo luso: em Gibraltar, quase uma terra só com a África, região mediterrânea nas sonoridades e os sabores. É claro, não parece possível argumentar que o Autor simplesmente estivesse errado, mas podemos constatar que seu projeto intelectual nos anos trinta do século passado era outro, incluía a configuração teórica de uma unidade cultural portuguesa que justificasse um projeto nacional diferenciado a partir da instauração de uma particular formação social no Brasil: a família patriarcal. Fato este que é demonstrado amplamente e sem alguma dúvida em *Casa Grande*. Porém, a “negada” Hispânia voltará anos depois, por via da sua própria pluma.

É evidente que seria arriscado propor uma homogeneidade monolítica da Hispânia, mais mítica do que real, já que inclusive no presente texto mais acima se a caracterizou como terra de várias culturas vizinhas. Aliás, há algumas diferenças fundamentais que Gilberto Freyre aponta lucidamente, ávido como ele estava nos anos 1930’s por enfatizar os traços opostos dos reinos ibéricos. Mas trata-se de diferenças que, embora tenham a mesma repercussão que os caracteres atitudinais ou de disposição tão caros ao Autor, são mais de ordem política. Isto é, fazem

mais referência às formas estatais de administrar as riquezas das novas terras. Especificamente, é impossível negar a preponderância da Igreja e do Estado na colonização espanhola que o Autor nota claramente, fato este que em parte inibiu a constituição de uma sociedade de base familiar como a que, na visão do Autor, criou o português. Porém, as infundas penúrias do homem português em terras tropicais que o Freyre anota e que parecem ausentes nos europeus nórdicos, nos louros incapazes de se adaptar aos trópicos, traçam uma clara distinção a partir da comparação entre “tipos” de europeus dentro dos quais, chamemo-los como quisermos - latinos, ibéricos, hispânicos - é difícil não incluir os espanhóis. A detalhada descrição freyriana da odisseia lusitana em América dificilmente não faz lembrar as gestas castelhanas, tão demonizadas por certa visão leiga precisamente pela crueldade de uma vasta empresa capaz de acabar com impérios e com as civilizações mais sofisticadas do Continente.

Todo era aqui desequilíbrio. Grandes excessos e grandes deficiências, as da nova terra. O solo, excetuadas as manchas de terra preta ou roxa, de excepcional fertilidade, estava longe de ser o bom de se plantar nele tudo o que se quisesse, do entusiasmo do primeiro cronista. Em grande parte rebelde à disciplina agrícola. Áspero, impermeável, intratável. (Freyre, *Casa Grande* 77)

É uma descrição do entorno físico do futuro Brasil, mas temos que concordar que poderia tratar-se perfeitamente de qualquer outro território da América tropical. Como esquecer que foi o espanhol o conquistador do deserto mais seco do planeta (Atacama) e da floresta mais impenetrável do Continente (Darién) onde ainda hoje a “civilização” branca não tem conseguido penetrar? Como esquecer gestas de dimensões bíblicas como as de Balboa, Valdivia ou Aguirre, - do qual o diretor alemão Werner Herzog nos deixou testemunha cinematográfica numa obra que por vezes parece mais absurda que a original – [3] todos eles mortos na aventura e que deixaram epopeias que ainda hoje se lembram pelo seu talante barroco, como barroca foi toda a conquista da América espanhola.

Porém, em algumas passagens de *Casa Grande* o Autor parece sugerir o contrário;

discutindo sobre a carência de recursos e as dificuldades do terreno ele propõe que esta configuração seria exclusiva do Brasil: “dá à obra de colonização dos portugueses um caráter de obra criadora, original, a que não pode aspirar nem a dos ingleses na América do Norte nem a dos espanhóis na Argentina” (Freyre, *Casa Grande* 77). Para sustentar esta última afirmação cita uma comparação entre a facilidade geográfica da colonização dos Estados Unidos e da Argentina; é evidente aqui que, na sua profícua erudição, o Freyre escolheu uma fonte pouco adequada. Não é um segredo que a Argentina não foi nunca um botim para a Coroa espanhola, sabemos bem que tratava-se de uma passagem para o centro do Continente; de fato, o nome Rio de La Plata faz referência ao caminho que leva à prata num sentido quase literal. É simplesmente mudar o termo de comparação da Argentina para o Peru, por nomear somente um dos mais óbvios, para notar como o fator geográfico inclui a cordilheira dos Andes e a floresta amazônica, além de um povo com um exército organizado com características semelhantes às europeias.

O Freyre estava então errado? Não, e ele também não ignora as similitudes que anos depois fundamentarão a sua ideia de América Hispânica. Se na sua obra nos anos 1930’s há uma ênfase na distinção no ato de comparação, a partir dos anos 1950’s teremos uma ênfase na homologação das componentes ibéricas. O que acontece é que seu projeto em *Casa Grande* traz implícita a intenção de explicar a fundação do Brasil que, para ele, se baseia na formação socioeconômica da família patriarcal. A qual surge, entre outros fatores, pela atitude da Coroa portuguesa em relação às suas colônias. Situação essa, na qual, as duas monarquias ibéricas demonstravam diferenças como em nenhum outro campo do seu acionar político no Novo Mundo. No entanto que, na febre de ouro gerada a partir da lenda do El Dorado, os espanhóis procuravam riqueza monetária rápida – em função do mercantilismo, o sistema de produção dominante –, já no Brasil o que viria a se conformar seria, segundo o Autor, uma sociedade de produção agrícola de base familiar e com a miscigenação como estratégia econômica e inclinação cultural. Fato este que a

diferencia de outras formações sociais presentes na América, inclusive de algumas com vocação familiar agrária como os assentamentos ingleses na Virgínia, por exemplo (Freyre, *Casa Grande*). Neste caso específico o sistema escravocrata podia até ser considerado similar ao português, mas o fator atitudinal que leva a miscigenação parece totalmente ausente, fortalecendo assim o argumento da falta de familiaridade dos europeus não-portugueses com a convivência junto com outras culturas. Esta distinção da família patriarcal como forma de produção particular do Brasil é fundamental porque não está baseada em critérios econômicos e nem políticos, mas surge do particular método freyriano que destila seus aportes a partir da observação minuciosa do viver cotidiano dos indivíduos objeto de estudo e se afasta do afã modernizador que dominava no pensamento político oficial.

A sociedade primordial do que iria a ser o Brasil é única, é a sociedade da formação social da família patriarcal agrícola, diferente se comparada com as anglo-saxãs, incapazes de se adaptar às terras tropicais e diferente das espanholas, dominadas pelo poder do Estado e da Igreja (Freyre, *Casa Grande*). É a singularidade do caso português em América o que mais interessa ao Autor, ainda em 1940: no prefácio de *O mundo que o português criou*, ele faz uma exaltada defesa da cultura luso-brasileira, ressaltando o seu caráter único em defesa de quem pretendia, especialmente no Sul do país, instaurar uma cultura outra, de raiz europeia diferente da portuguesa, fato este inconcebível para o Freyre:

seria ridículo pretender que o Brasil exista independente de sua formação portuguesa; ou que seja, um país onde outra cultura - outra língua inclusive - possa instalar-se com os mesmos direitos da de Portugal quando colonizou certa parte da América e firmou nos trópicos uma civilização com elementos predominantemente europeus e cristãos. (Freyre, *O Mundo* 34).

Claramente, na visão do Freyre, é a matriz portuguesa a que tem a primazia em contraposição a qualquer outra componente

europeia. Porém, estamos ainda longe de qualquer referência à América Latina como unidade de análise, ou da Hispânia como matriz para distinguir o nosso subcontinente. Há no Autor a necessidade de estabelecer uma distinção, basicamente positiva, da componente portuguesa na consolidação da sociedade brasileira, e para tal ele a estrutura ao redor da figura da formação socioeconômica patriarcal, que é fundamentalmente diferente, em termos econômicos, do sistema implantado pelos espanhóis. Desta forma, seu termo de comparação acaba sendo a instituição colonial espanhola enquanto ela possa ter de diferenciado com relação à portuguesa, e nesse exercício comparativo específico, nesses termos concretos, não há alguma afinidade entre as duas realidades, ainda que seja evidente a proximidade da dominação ibérica em outras áreas. Assim, é possível notar como a definição dos critérios específicos da comparação pode facilmente enfatizar proximidades ou divergências e vice-versa segundo o ponto de vista adotado.

4. Surgimento da ideia de América Hispana

Se concedemos algum valor heurístico ao método aqui adotado de tentar traçar o surgimento de um enfoque latino-americano no Freyre, é então relevante notar que na década de 1940 nos seus trabalhos ainda prevalece o tema luso-brasileiro como um dos eixos fundamentais. Tratando deste tema especificamente, é possível identificar a semente de um enfoque que será, anos mais tarde, central e que em parte pareceria se contrapor a uma das teses fundamentais de *Casa Grande*; em conferência para o governo de Portugal em 1940, o Autor explica, citando o intelectual espanhol Angel Ganivet: “não foi nenhum excesso de diferenças que separou Portugal da Hespanha: foi um excesso de similaridades” (Freyre, *Uma Cultura*). Nesta intervenção o Autor fala abertamente de cultura hispânica, a cultura de toda a península, na qual o Portugal participa por uma série de afinidades de diversos tipos. Trata-se de uma intuição que irá a se desenvolver com o tempo, até ao ponto de, nos anos da Tropicologia, o Freyre chegar a propor inclusive que a Luso-

tropicologia seria uma componente dentro da maior Hispan-tropicologia (Freyre, “Os reis”). O processo de reconhecimento da raiz hispânica não é imediato, e nem se trata de um processo “natural” ou óbvio ao qual os intelectuais deveriam chegar de uma forma ou outra naquele período; pelo contrário, Gilberto Freyre parece, mais uma vez, demonstrar seu caráter intelectualmente excepcional e único também neste ponto.

É reconhecido que, ao longo, dos anos da vida política das formações nacionais surgidas após a independência da Europa, as relações do Brasil com seus vizinhos “latinos” têm sido, do ponto de vista da análise social e política, bastante variadas. Respondendo aos desafios da situação política regional e global, excluído pelos próprios países hispanos, o país e seus dirigentes e pensadores têm trabalhado a própria identidade a partir do que se é, ou se quer ser, com relação aos vizinhos: procurando as semelhanças e as diferenças, efetuando então uma comparação dirigida que responde as prioridades de cada momento. Assim, tem se optado desde o pan-americanismo até o isolamento do Brasil como uma grande ilha em América do Sul (Bethell, “Brazil and ‘Latin America’”). Embora que com argumentos diferentes, estas posições parecem depender do clima político regional do momento. A rejeição ou aceitação de uma integração do Brasil na América Latina tem sido condicionada pela posição relativa do observador com relação à situação geopolítica do subcontinente. Nos anos 1940’s, por exemplo, o projeto continental dos Estados Unidos que pareciam estar desenhando com a política de “boa vizinhança” uma América para os americanos por meio da doutrina Monroe, influenciava fortemente as opiniões de quem na época refletia sobre a latinidade do Brasil (Bethell, “O Brasil e a ideia”). Da mesma forma, a negativa de considerar o Brasil como um membro mais da comunidade de nações surgidas da colonização ibérica se baseava claramente na constatação de uma aparente falência do modelo político das republicas dos “libertadores”, sistemas idealizados pelos caudilhos que tinham gerado uma história instável, por vezes anárquica, e que foi um dos argumentos mais recorrentes durante os anos

do surgimento da Primeira República. Temática que precisamente o Freyre vai abordar em *Ordem e Progresso*, a partir de uma perspectiva particular, seguindo sempre o seu percurso intelectual singular, tratando indiretamente o tema da interpretação da liderança política brasileira sobre as semelhanças e diferenças dos vizinhos latinos.

Neste livro, obra final da trilogia sobre a formação do Brasil, a metáfora arquetípica que caracteriza os dois estudos anteriores desaparece, porém se mantém a intenção de propor uma certa imagem de equilíbrio entre os extremos, se antes se tratava de raças diferentes que chegavam a um ponto de equilíbrio, desta vez se trata de ideologias diferentes que, de certa forma, convivem sem rupturas violentas. É uma opção que se baseia na imagem de equilíbrio e antagonismo e que, por sua vez, podemos interpretar como um empenho de comparação em que os polos permitem revelar as características de seu contrário. Nos textos anteriores o conceito de família patriarcal dá muita força as suas ideias, já que lhe concede um endereço a sua proposta. Quando essa figura passa, muda um pouco a sua opção metodológica, tanto é assim que o texto conta com uma ampla Nota metodológica na qual se explicam as escolhas feitas a partir do fato de trabalhar com depoimentos diretos, já que as informações, pela primeira vez, provêm da memória viva dos sujeitos. Assim, a história a partir de *Ordem e Progresso* se constrói por meio das vivências em primeira pessoa, a partir de testemunhas diretas e das biografias que o Autor recolhe para a sua pesquisa. Se mantém, e até se reforça, a importância da vivência pessoal na construção da sua interpretação da história. No seu método permanece a escolha de usar fontes da vida cotidiana, da cultura material, para ilustrar a sua obra. Publicado em 1957, parece difícil enquadrá-lo numa visão, como a que foi resenhada acima, que determina a inclusão ou não do Brasil na América Latina a partir do clima político regional predominante (Bethell, “Brasil y América Latina”). Mais que mudanças de paradigma no pensamento social da região, num autor como Freyre, tão refratário aos cânones acadêmicos, é mais provável que fatores biográficos permitam-nos identificar

neste momento do seu percurso intelectual a evolução da ideia de uma América Hispânica no seu pensamento.

Não parece casualidade que no mesmo ano de 1957 ele publique um texto que faz parte de uma obra dedicada a Ortega y Gasset, o mesmo autor que, anos depois, em 1983, ele vai utilizar para demonstrar a raiz hispânica dos povos surgidos da aventura ibérica na América. Neste sentido, Freyre aponta o Brasil como o único país hispânico e ibérico, capaz de vivenciar através da língua escrita os dois mundos e culturas provenientes da Península: “Ortega y Gasset não precisou de ser traduzido ao português para que a influência de sua filosofia fosse tão marcante no Brasil” (Freyre, “Os reis”). Isto é, há na língua, inicialmente, mas também numa determinada compreensão do mundo, uma particular empatia que faz com que não seja necessária uma tradução da sua filosofia para o português, e nem dos clássicos da literatura castelhana que têm participado da formação cultural da nação espanhola. Junto com Ortega y Gasset a referência a Unamuno, Ganivet e Julián Marías é quase uma constante quando o Autor trata de autores espanhóis, os quais aliás não são classificados como espanhóis, mas como “hispanos”. E não se trata só de uma referência, não é somente uma citação; em 1957, comentando a obra do Ortega y Gasset no volume em homenagem ao mestre espanhol, o Freyre encontra apoio para consolidar um dos conceitos mais interessantes que nos tem deixado: o de “homem situado”. Embora que somente esboçada nas suas duas primeiras obras e não de forma explícita, mas através da metodologia inovadora e um tanto heterodoxa – metodologia do cotidiano, do detalhe, a metade de caminho entre a etnografia e o anedótico - é clara no seu pensamento a procura por uma compreensão do ser humano agente a partir do seu contexto, com um olhar abrangente, capaz de identificar a relevância dos pequenos detalhes e a importância dos processos macro. O “homem e a sus circunstancias”, para o Autor é esse o eixo mais rico para interpretar o fazer e o pensamento de um determinado sujeito no seu tempo. É assim que ele propõe em 1957 ler Ortega y Gasset como um autor capaz de lidar com as correntes de pensamento provenientes

de diversas línguas e culturas, mas se mantendo dentro da visão hispânica do mundo, uma atitude que o Autor aliás não julga como particular deste filósofo espanhol:

Ortega y Gasset is almost unclassifiable, as were Unamuno and Ganivet. Yet, like Unamuno and Ganivet, he was a ‘specialis’ in dealing with a variety of subjects - art, history, literature, landscape, politics, social problems, philosophy, religion - from the point of view of a philosopher who was a Spaniard: a Spaniard greatly affected, but not denatured or denaturalized, by French, English and German influences. (Freyre, “Ortega y Gasset” 375)

A ideia do homem e a suas circunstancias, *yo y mis circunstancias*, pedra angular da filosofia de Ortega y Gasset segundo a própria interpretação do Freyre dos anos 1950’s, é o ponto de chegada no nível intelectual e abstrato de uma intuição que podemos identificar no Autor claramente anos atrás, a partir de um processo mais amplo e que faz parte integral da sua formação, especificamente na época de publicação de *Nordeste*, em 1937. Ali, o Freyre faz explícita a sua preocupação pelo espaço, pela dimensão espacial, a relação do ser humano com o entorno. O que o conduz a considerações de tipo ecológico, e que levará anos depois a propor uma nova disciplina, a Tropicologia. Neste texto um dos temas mais interessantes é a crítica à monocultura. O livro foi escrito num momento em que ele desenvolvia pesquisas sobre as condições de trabalho dos empregados dos canaviais, porém, essa preocupação está presente também em *Sobrados e Mucambos* ao analisar a gradual desconfiguração da família patriarcal como forma de produção agrícola. Em *Nordeste*, sendo a cana um dos temas principais, Freyre estabelece a relação deste elemento com a água, com a terra, o mato, os animais e os seres humanos. Essa crítica ecológica, embora sem entrar na discussão teórica do ecologismo, está já baseada no conceito de paisagem que estava-se consolidando nos debates sobre o tema naqueles anos nos países industrializados, demonstrando mais uma vez a sua capacidade

de acompanhar as discussões contemporâneas sem precisar pertencer integralmente a algum campo do conhecimento definido e fechado. Junto com a intenção ecológica há também a ideia de mudar a imagem típica do Nordeste como uma região desértica e seca, e traz a ideia de um Nordeste também oleoso e fértil. Já que temos o Nordeste pastoril do Sertão, mas também o nordeste do litoral dos canaviais. A cana de açúcar, na forma da monocultura, é vista como a fonte de vários males físicos e ambientais para o Nordeste, pois estraga os rios; mas como forma econômica também se apresenta como negativa no ambiente social como um todo. A importância da cana é tal que o Freyre anota as consequências sociais do consumo da cana de açúcar nos seus efeitos físicos sobre os sujeitos, assim como também nos impactos sociais amplos que ela traz.

É claramente aqui o homem situado que está sendo focado desde um ponto de vista concreto, biológico, já presente então na década de 1930's, e que encontrará anos depois por meio do pensamento de Ortega y Gasset sua base filosófica sólida. Talvez seja possível lançar a hipótese de o Ortega y Gasset representar a dimensão filosófica da proposta que o Freyre, do ponto de vista social, tinha desenvolvido já desde suas primeiras obras. No prefácio à edição espanhola de *Nordeste*, lançada em 1943, o Autor coloca o filósofo espanhol junto com Weber e Humbolt e anseia vê-lo “convertido” à Sociologia, ou pelo menos à Ecologia, que seria para ele uma das sociologias especiais (Freyre, *Nordeste XXI*). Provavelmente a partir deste encontro filosófico seja possível identificar o surgimento no pensamento do Freyre da Hispânia como base teórica na sua interpretação madura das culturas ibero-americanas.

5. O aporte teórico espanhol: o homem situado

Em 1963 a conversão freyriana ao hispanismo está completamente consolidada, é ele mesmo que a proclama, fazendo inclusive uma pequena cronologia; na introdução à segunda edição em língua espanhola de *Interpretação do Brasil* ele afirma: “como brasileiro, tengo la clara

consciência de que soy, o pretendo ser, um escritor fundamentalmente hispânico” (Freyre, *Interpretaciones* 7). Um escritor, continua o Autor, que pretende propor elementos para a análise do homem situado nos Trópicos. Têm claramente ficado para trás as distinções comparativas entre portugueses e espanhóis e, aliás, este homem hispânico seria filho das várias Espanhas (Freyre, *Interpretaciones*), da mesma Península, sem alguma diferenciação de fundo. Porém, não se trata de uma transformação conveniente, “natural” ou inclusive contextual; pelo contrário, as discussões relacionadas com a ideia de uma comunhão cultural, histórica ou inclusive econômica na região que se conhece como América Latina partiam naqueles anos de outros pressupostos (Bethell, “Brasil y América Latina”). Nesses anos a distinção se fazia com relação ao Norte do continente, considerado como imperialista e propulsor de valores alheios ao sentir latino, os autores destes países ligavam a distinção dos seus países com a América anglo-saxônica à continuidade nas suas culturas da essência latina, contemplativa, em contraposição ao materialismo e mercantilismo norte-americano (Melo). Isto é, a comparação era feita com relação a um acervo clássico que permitisse estabelecer uma espécie de distinção de valores modernos triunfantes nos Estados Unidos, dessa forma a afinidade entre os “latinos”, que podiam eventualmente incluir o Brasil, se fazia a partir de uma herança, talvez mais ideal do que concreta, associada com um passado anterior ao pensamento economicista norte-americano. Já o Freyre, como em outros temas, segue um caminho pessoal e, por vezes, único. A sua inspiração não tem um caráter político e nem é movida por alguma apologia ao sonho “libertador” ou baseada em teorias econômicas de desenvolvimento; pelo contrário, trata-se de um percurso coerente que foi-se enriquecendo e consolidando com os anos. Diferentemente da procura de uma contraposição com as culturas anglo-saxãs a partir de uma comparação com o longínquo passado latino clássico, ele promove a valoração da componente ibérica comum, uma só se comparamos os fatores que a constituem com relação ao resto dos povos americanos, e o faz não simplesmente a partir de uma ideia de herança, mas de reflexão sobre os frutos

dela no presente. O que ele observa não é uma ideal relação com a latinidade clássica e nem uma oposição às culturas nascidas no norte do Continente, pelo contrário, resgata a raiz comum da hispanidade no passado de miscigenação histórico trazido desde a península ibérica (Melo). Nesta segunda “fase” da obra do Freyre (o da aproximação do Brasil com a América Latina) a mudança se dá pela troca dos polos de comparação, o outro é a América anglo-saxônica e o colonizador norte-europeu (Mendes Freitas). Porém, ele se coloca numa posição que foge das correntes intelectuais e dos interesses políticos em jogo no momento, propondo uma procura dos traços identitários do Brasil a partir de uma comparação com a componente ibérica num sentido bem amplo, que enfatiza a riqueza e a mistura como elementos criativos e essenciais nos processos posteriores acontecidos em América. Já não é a observação e admiração dos vizinhos do Norte e a comparação idealizada com eles, e nem com o ideário político e cultural da França ou com a herança genérica latina associada ao Portugal, mas um paralelo com a componente hispana enquanto já fruto de uma miscigenação. A América Latina do Freyre não é simplesmente aquela da oposição a um modelo cultural e econômico, nem também aquela de uma essência latina idealizada, se trata pelo contrário da exaltação de uma riqueza “impura” que reconhece as misturas anteriores ao processo de colonização do continente, mas as localiza, as “situa” no território americano onde as condições do entorno lhes dão sentido. É tão clara a sua visão anti-essencialista que ele inclusive chega a considerar que os ibéricos teriam perdido seu poder criador e no século XX o papel inovador e renovador cairia em setores silenciados que sairiam de sua hibernação sociológica: os índios, mestiços, camponeses e proletários, impulsionados pela crescente valorização das tradições, renovando assim a arte, literatura, filosofia social (Mendes Freitas).

Assim, não é então uma contradição, ou uma revisão, o fato dele em suas primeiras obras negar qualquer semelhança ao comparar os povos ibéricos entre eles e, anos depois, conceber o homem hispânico quase que como uma cultura só, já que este homem hispânico parece não ser outro que o “homem e as suas circunstâncias”,

neste caso, ibéricas, hispânicas. Aliás, a ideia de homem situado parece presente desde *Casa Grande*, embora de forma rudimentar. Porém, naquela obra a importância dada à família patriarcal como forma de produção era maior, e o levou a enfatizar a dita particularidade sobre as semelhanças presentes nos conquistadores hispanos. A origem das suas intuições sobre o homem situado talvez possam-se identificar nas suas viagens juvenis na Europa, onde o Freyre teria desenvolvido a sua tendência em um certo sentido regionalista, contraposta aos projetos modernistas que se baseavam no centralismo, por exemplo na França nos anos 20’ do século XX. Neste sentido ele foge do clima político e cultural modernista que seria, por exemplo, preponderante no país nos anos da concepção de Brasília como capital, o que nos confirma mais uma vez o fundo biográfico que o leva a mudar suas prioridades, se afastando de certa forma das escolhas ditadas pelas configurações conjunturais do poder, seja ele político, econômico ou acadêmico. Em *Tempos e outros tempos*, de 1975, é possível estabelecer a influência clara do pensamento espanhol, a qual pode-se dar a partir do contato direto com os autores da geração do 98’ e do 14’. Aparentemente, o Autor conhecia já ditos pensadores, mas é na década dos 1930’s, estando em Portugal, que o contato imediato com a Escola de Madrid parece claramente verificável (Rugai Bastos).[2] É neste período que pode ter nascido em Freyre a admiração por esta escola e que viria a se expressar, vários anos depois, na sua ideia de Hispânia como raiz cultural própria. Daí também a sua crítica ao modernismo brasileiro, que ele achava superficial, uma espécie de transposição nos trópicos de um movimento europeu e que se concreta claramente na sua visão crítica - no meio da euforia - da Brasília de Niemeyer, mais voltada à edificação de símbolos do que de espaços para os habitantes futuros da cidade, necessitados segundo ele mais de lugares de lazer do que de monumentos grandiloquentes. A crítica à modernidade e à modernização se vê claramente também em *Casa Grande & Senzala* através da recuperação do aporte das diferentes culturas ao Brasil, questionando um progresso que estaria apoiado na cópia de modelos importados.

Os condicionamentos raciais e climáticos, por exemplo, ao invés de serem negativos e causantes do atraso, poderiam pelo contrário ser considerados como fatores positivos. Seria o modernismo particular do Freyre que iria recuperar os fatores culturais distintivos do país. É nesse sentido também que é possível interpretar a sua crítica à catequização jesuíta que, levando os indígenas nas missões para salvá-los da escravidão dos colonos, terminaria os separando do contexto social mais amplo e do sistema produtivo. Haveria uma falta de adaptação da Companhia de Jesus ao contexto local, inclusive ele chega a dizer que ao irem embora os jesuítas teriam deixado os indígenas sem um sistema produtivo próprio. Trata-se da ausência da consciência do homem situado, que resulta na incapacidade de interpretar o contexto e se adaptar de forma coerente e produtiva. Da mesma forma, se o português conseguiu muito bem aproveitar as melhores condições do ambiente tropical, pareceria ter errado com a forma de produção da monocultura, uma forma de produção agrícola mais voltada ao comércio que a supervivência. Assim, no Freyre é clara uma crítica ao mercantilismo como forma econômica, já que a interpreta quase como um método que não é produtivo. Isto é muito claro quando fala da história de Portugal e do período em que o país era produtor agrícola e passou a ser um país comercial, para obter benefício somente da troca. Temos então na sua análise a presença clara do “homem hispânico situado nos Trópicos” como tela de fundo; porém não se trata de um modelo ótimo, pelo contrário, é uma ferramenta teórica que permite vislumbrar as suas virtudes, mas também suas falências. Isto é, um modelo que foi amadurecendo com os anos, obtendo na obra de Ortega y Gasset talvez o contraponto filosófico necessário para fazê-lo mais sólido, mas que estava já presente nas três obras da trilogia.

Assim, em *Sobrados e Mucambos*, a metáfora arquitetônica tem a ver com a relação entre a casa e a rua, que muda bastante por causa da urbanização da vida social. Nasce um espaço público em contraposição ao privado e deve se criar uma mediação entre os dois mundos. Com a ascensão dos profissionais dos sobrados a vida social vai para a rua com a necessidade de

demonstrar os signos de distinção da nova classe ascendente, por exemplo nos novos espaços públicos urbanos como o teatro. Mas ao mesmo tempo na casa fica trancada a moça, olhando pela janela, marcada como ela estava pelo tabu de não poder frequentar a rua sem companhia ou por simples prazer. Num primeiro momento pode parecer que, indo para a cidade, o espaço interno da casa e o externo da rua poderiam ficar mais perto e se misturar. Mas na verdade, na cidade pode-se dar uma diferenciação até maior, isto se vê muito bem nos diferentes tipos de escravos, alguns especializados nas tarefas da rua e outros da casa, dando-se uma divisão de trabalho escravo que deixa entrever a separação clara entre o espaço privado da casa e o público da rua. De uma certa forma, a transformação da casa grande para o sobrado é mais clara que a transformação da senzala para o mucambo, já que este último parece um pouco se diluir na cidade. Diante das várias críticas que *Sobrados e Mucambos* trouxe, o Freyre faz na introdução à segunda edição uma defesa do seu trabalho, na qual propõe que não se deve confundir o dado etnográfico com os modelos sociológicos, ou seja, o fato de ter tantos detalhes na sua obra, não quer dizer que ele não esteja propondo um modelo de interpretação ampla que se pode aplicar a toda a sociedade brasileira através da figura da família patriarcal. Para compreender o processo que Freyre mostra é importante focar nas figuras intermédias, muito brasileiras segundo ele, além de únicas, e que são as que permitem a comunicação entre os polos antagônicos. Mas, para chegar num resultado deste tipo é necessário focar na cotidianidade dos sujeitos pesquisados, os seus hábitos, seus anúncios de jornal e seus brinquedos. Assim, se concedemos um enfoque exclusivamente marxista ou sociológico não é possível compreender a evolução do processo que o Autor quer mostrar. Parece plausível interpretar então, na convicção desta obra ser uma continuação orgânica de *Casa Grande*, a proposta de *Sobrados e Mucambos* como o desenvolvimento cronológico da procura teórica e metodológica do homem e suas circunstâncias, embora que sem uma explicitação evidente, pelo menos não textual, mas sim na intuição clara que movia o Autor.

O homem situado, dentro de uma situação espacial e temporal, se liga muito com vários aspectos da obra do Autor que se condensam bem com o reconhecimento do trópico como eixo de análise. Embora essas ideias estivessem claras quase desde o começo da sua obra, é a partir de uma sua viagem pelas colônias portuguesas que esta ideia se reforça muito. Concretando-se no conceito de luso-tropicologia, já que o caso de Goa parecia confirmar a sua intuição de serem as condições tropicais a favorecer o colonizador português e não somente o Brasil como situação excepcional. Porém, a partir dos anos 1960's neste tipo de considerações entra com pleno direito também o colonizador espanhol, pertencente à mesma Hispânia, raiz de uma distinção da América ibérica que tem muita mais pertinência que a América Latina que ainda é hoje predominante nos discursos e no imaginário destes países. De fato, as eventuais críticas a este termo e modelo de representação do subcontinente se limitam a criticar a gênese francesa e colonialista do termo, mas não propõem uma alternativa coerente. Já o Freyre, o mesmo que nas primeiras obras procura uma distinção, passa a ser considerado, precisamente pelo espanhol Julián Marías, um precursor da unidade intelectual e cultural da Hispânia: "Pienso que nadie va a contribuir más que Gilberto Freyre al acercamiento entre España y Portugal — esas dos naciones sentadas juntas, dándose la espalda, mirando en direcciones opuestas" (10). Marías nota que as duas nações ibéricas têm sofrido de uma indiferença e separação dentro do mesmo território por séculos, e se vai se dar uma aproximação histórica ela virá desde a América, desde a América Hispana. Esta América Hispânica de Freyre - um pouco esquecida, talvez por causa de hipertrofia de *Casa Grande* e da trilogia na leitura da sua obra - tem o homem situado nos trópicos como modelo do sujeito histórico relevante e traz em si a proposta de um diálogo com os clássicos da filosofia ibérica do século XX. Um tanto esquecidos também eles em benefício de pensadores de outras latitudes, desconsiderando assim o tempo trípico que nos obriga a refletir sobre os três tempos do nosso ser no lugar que ocupamos no planeta cultural, histórico e físico.

6. Conclusões

Vimos então que é possível identificar uma importante transformação no pensamento de Gilberto Freyre sobre a América Latina que, aparentemente, tem sido pouco estudada até hoje. Passando de um elogio à particularidade virtuosa da natureza do conquistador português sobre os outros exploradores europeus nas américas, a um reconhecimento da hispanidade, da matriz ibérica, como valor cultural da nossa região e inclusive à proposta de uma disciplina específica derivada da Tropicologia, a Hispan-tropicologia. Esta constatação, que em si mesma não representa necessariamente uma proposta teoricamente ambiciosa, deriva de forma quase espontânea da aproximação ao pensamento do Autor para além das obras que compõem a "trilogia". É extremamente comum se deparar com comentários, especialmente críticas, sobre o Freyre basicamente a partir de uma leitura, às vezes incompleta, da trilogia ou simplesmente de *Casa Grande & Senzala*. Uma exploração mais ampla permite verificar como a obra dele seja mais rica e, especialmente, mais complexa no relativo especificamente a sua análise das particularidades da realidade brasileira no contexto regional.

Uma abordagem deste tipo, ampla e inclusiva, permite também integrar o elemento biográfico para tentar procurar as causas, ou pelo menos os detonantes, da mudança que se procura aqui delinear. Como vimos, o papel do Brasil e sua posição, do ponto de vista teórico, dentro da reflexão sobre a América Latina, se vê fortemente influenciada pelo clima político e ideológico conjuntural do momento. O próprio Autor o reconhece explicitamente anotando como a relação da América Latina com a conjuntura mundial tem variado conforme as diversas predominâncias que lhe tem afetado as situações. Seja a predominância ibérica, inglesa, francesa ou "ianque" (Freyre, *Americanidade*), todas elas têm influenciado as formas como nos interpretamos enquanto nações aos nos compararmos com aquelas que exercem algum tipo de atração, seja de tipo econômico ou cultural, seja de forma concreta ou idealizada. A mentalidade política oficial e o clima intelectual acadêmico da região procurava outros rumos

para estabelecer os pontos de comparação na compreensão do Brasil e seu posicionamento com relação aos vizinhos, às vezes se espelhando na potência norte-americana para se distinguir da latinidade arcaica e outras se inspirando na herança clássica europeia para se distanciar da mentalidade economicista reinante nos Estados Unidos. Já no caso do Freyre, um Autor admirado, especialmente fora do seu país, e que sempre fugiu aos cânones da vida acadêmica formal, o fator biográfico parece definitivo. Ele vai estabelecer o ponto de comparação com a raiz europeia, mas não necessariamente para se distinguir da América anglo-saxã, mas para explorar as semelhanças com a Hispânia. Ele também não contemplava a veia latina como elemento de comparação que assemelharia a raiz ibérica com outras culturas como a francesa, por exemplo, mas reivindica a componente hispânica que depende fortemente de influências extra europeias. Isto é, ele reivindica de forma original a distinção entre a Europa burguesa (Inglaterra e França) e o Brasil orientalizado, fruto dos traços mouros e judeus trazidos pelo português (Melo) e, na segunda parte da sua obra, pelo espanhol também. É o contato direto e pessoal com o mundo intelectual espanhol o que faz com que algumas ideias deste ambiente ecoem explicitamente na sua reflexão sobre a nossa América. A ideia do homem situado, não somente se articula nas propostas mais maduras do Autor, mas parece estar em surdina, de maneira embrionária - talvez de forma em parte inconsciente para o próprio Freyre - no enfoque característico das suas obras iniciais e mais conhecidas. O particular método dele, uma espécie de etnografia indireta e não declarada, uma espécie de biópsia do cotidiano, incluiria em si mesma já a intuição da inseparabilidade do ser social e cultural com seu contexto num sentido amplo que inclui todas as esferas do vital, exercendo ele mesmo uma influência inegável sobre aquele.

Nofimdascontas,aênfasedada,especialmente em *Casa Grande & Senzala*, à particularidade do espírito português parece responder mais à necessidade de colocar a figura da família patriarcal como alicerce da sua análise. Âmbito em que realmente a colonização portuguesa parece apresentar diferenças essenciais com a

espanhola. O termo de comparação específico que o Autor estabelece neste período inicial na sua obra, a família patriarcal, realmente permite definir fortes diferenças entre a cultura espanhola e portuguesa nas suas colônias americanas. Porém, as congruências de fundo que estruturarão, de forma explícita, a sua enunciação posterior de uma comunhão dos povos hispanos da América eram identificáveis, especificamente na sua metodologia e no estilo de escrita, já desde seus primeiros trabalhos. A cotidianidade do homem situado, a ideia do homem e suas circunstâncias, que ele retomara diretamente do pensamento filosófico espanhol nas suas obras posteriores, parece já se insinuar no seu original viés metodológico. Só nos anos mais maduros da sua obra Freyre assumira as “consequências” disto, o que implica o reconhecimento de uma raiz comum hispana que, inclusive, era para ele necessário estudar profundamente desde uma perspectiva exclusiva e *ad hoc*.

Assim, o Freyre, amplamente reconhecido como um autor original, especialmente por causa da sua abordagem que enquadra as consequências profundas e históricas da vivência cotidiana e que procura sempre valorar a singularidade positiva do contexto local onde esta experiência é forjada, em contraposição contínua à emulação gratuita do pensamento e os paradigmas das metrópoles, tem restado até agora uma referência quase que exclusiva para a análise da realidade histórica brasileira. Quando, como vimos, ele foi capaz de estabelecer um olhar refletivo para entender a cultura do próprio país por meio da comparação com outras culturas seguindo critérios que pareciam fugir das prioridades dos interesses políticos do seu tempo. O que lhe confere grande valor enquanto forjador de um enfoque que mira a exaltar as particularidades diferenciais da América Hispana como um todo, ainda que reconhecendo, é claro, a unicidade das expressões situadas. O olhar do Freyre parece assim perfeitamente passível de oferecer ferramentas valiosas para compreender os processos particulares das realidades da América Latina fora do contexto específico brasileiro por ele estudado. O que, aliás, contribuiria a ressaltar nexos para além de distinções territoriais, linguísticas ou

simplesmente impostas e que não se veem necessariamente refletidas na realidade cultural e histórica da região.

Notas

[1] Comumente se identifica como a “trilogia” freyriana o conjunto das obras *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*.

[2] Sobre o tema da incorporação dos pensadores espanhóis na formação do Freyre, esta autora tem publicado o livro *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso el Bueno*.

[3] Trata-se do filme “*Aguirre. The Wrath of God*” de 1972.

Bibliografia

- Bethell, L. “Brazil and ‘Latin America.’” *Journal of Latin American Studies*. vol. 22, no. 44 (2010). 457-485. Print.
- . “O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica.” *Est. Hist., Rio de Janeiro*, vol. 22, no. 44 (2009). 289-321. Print.
- . “Brasil y América Latina.” *Prismas - Revista de História Intelectual*, vol. 16, no. 1 (2012). 53-78. Print.
- Freyre, G. *O Mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940. Print.
- . *Uma Cultura ameaçada: a luso-brasileira*. Recife: Oficina do Diário da Manhã, 1940. Print.
- . “Ortega y Gasset: an outline of his philosophy.” *Science & Society*. New York, vol. 21, no. 4, 1957. Print.
- . *Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil* (3ª Ed.). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1961. Print.
- . *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968. Print.
- . *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975. Print.
- . “Os reis da Espanha em um país hispanotropical.” *Folha de São Paulo*, 7 Jun. 1983. Print.
- . *Interpretaciones del Brasil*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987. Print.
- . *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob da economia patriarcal* (48ª Ed.). São Paulo: Global Editora, 2003. Print.
- . “Em torno do conceito hispânico ou ibérico de tempo.” *Palavras Repatriadas*, edited by Edson Nery da Fonseca, Editora Universidade de Brasília, 2003. 265-284. Print.
- . “Uma visão quase apologética do comportamento hispânico ou ibérico nos trópicos.” *Palavras Repatriadas*, edited by Edson Nery da Fonseca, Editora Universidade de Brasília, 2003. 427-462. Print.
- . “O Brasil moderno como uma nova sociedade hispano-tropical.” *Palavras Repatriadas*, edited by Edson Nery da Fonseca, Editora Universidade de Brasília, 2003. 463-476. Print.
- . *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano* (14ª Ed.). São Paulo: Global Editora, 2003. Print.
- . *Americanidade e latinidade da América Latina e outros ensaios*. Org. Edson Nery da Fonseca. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003. Print.
- . *Ordem e Progresso* (6ª Ed.). São Paulo: Global Editora, 2004. Print.
- Marías, J. “El tiempo y lo hispanico em Gilberto Freyre.” *Cuenta y Razón*, no. 2 (1981). 7-16. Print.
- Melo, A. “A outra América de Gilberto Freyre.” *Revista USP*, no. 112 (2017). 55-66. Print.
- Mendes Freitas, I. “O Brasil e as Américas em Gilberto Freyre: das veias abertas pela colonização aos veios abertos para o futuro.” *Temáticas*, vol. 22, no. 43 (2014). 37-56. Print.
- Rugai Bastos, E. *Os autores brasileiros e o pensamento hispânico*. ANPOCS GT 1021. Caxambu, Outubro 1998. Print.
- Valente, L. F. “Americanidade e Latinoamericanidade na obra de Gilberto Freyre.” *Antares: Letras e Humanidades*, vol. 5, no. 10 (2013). 105-114. Print.
- Warley Candeas, A. “Brasil es parte del Caribe cultural. La literatura del Nordeste y la tropicología de Gilberto Freyre.” *Papel Político*, vol. 20, no. 2 (2015). 607-612. Print.
- Zang, L. M. *La identidad Latinoamericana desde la perspectiva de Gilberto Freyre y José Vasconcelos: un análisis comparado*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015. Print.

Biografía do autor

Yago Quiñones Triana possui curso de graduação em Sociologia pela Universidade de Roma “La Sapienza” e de mestrado pela UFRGS (Porto Alegre, Brasil) e doutorado em Antropologia pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente universitário de várias instituições: Universidad Externado de Colombia, Pon-3cia Universidad Javeriana, Universidad Sergio Arboleda e Universidade de Brasília.